

O EFEITO INTIMISTA NA ESCRITA SOBRE SI: UMA ANÁLISE DO ETHOS ADOLESCENTE NO TUDO DE BLOG

Luana Ferreira de Souzaⁱ

Resumo: Este trabalho objetiva refletir sobre a influência das práticas de gênero social na *construção das imagens de si* das adolescentes que escrevem para uma seção da revista *Capricho*, a saber: a seção *Tudo de Blog*. O trabalho se inscreve na perspectiva teórica da Análise do Discurso (AD) para analisar a construção do *ethos* adolescente. Nesse sentido, as reflexões se pautam, sobretudo, na abordagem discursiva empreendida por Charaudeau (2008) e Amossy (2010). O empreendimento teórico se deu também na compreensão do modo como se estabelecem as relações de gênero e como elas são materializadas na linguagem. O gesto analítico deste trabalho permitiu compreender que, ao construir uma imagem de si na seção em análise, as adolescentes se valem de *um efeito intimista*, que escamoteia a orientação argumentativa dos seus dizeres, bem como permitiu investigar as representações do feminino, no imaginário adolescente, ligadas à construção da beleza.

Palavras-chave: *Ethos*. Adolescência. Gênero. Revistas.

Abstract: This paper aims to discuss the influence of gender practices in the construction of the self-images of teens who write for the section *Tudo de Blog*, in the Brazilian magazine *Capricho*. The study draws upon the theoretical perspective of Discourse Analysis to analyze the construction of the adolescent *ethos*. In this sense, the reflections are guided, above all, by the discursive approach proposed by Charaudeau (2008) and Amossy (2010). The theoretical endeavor was also focused on understanding how gender relations are established and how they are embodied in language. The analytical gesture of this work permitted us to comprehend that, in constructing a picture of themselves in the section under analysis, adolescents make use of an intimate effect that sidesteps the argumentative orientation of their sayings and allowed us to analyze the representations of the feminine, in the adolescent imaginary, linked to the construction of beauty.

Keyword: *Ethos*. Adolescence. Gender. Magazines.

ⁱ Mestre em Estudos Linguísticos pela Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG) e Doutoranda em Linguística pela Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP). E-mail: luanafesouza@gmail.com.

Contornos iniciais

O gesto de empreendimento pela visibilidade da mulher constitui a trajetória da história das mulheres na sociedade, marcada pela invisibilidade feminina nos espaços públicos. O modo pelo qual as mulheres se articularam para “tornarem-se visíveis” foi constituindo, na esteira dos dizeres de uma historiografia sobre mulheres, a importância de se refletir sobre a experiência feminina como gesto revelador da condição das mulheres nas sociedades.

Nessa articulação, as narrativas de vida e as escritas sobre si de mulheres instituíram *lugares de memória* (NORA, 1993) nos quais a experiência feminina pode ser reveladora dos jogos de poder e dos mecanismos de opressão que as práticas normativas de gênero imbuíram na constituição do sujeito mulher. Com efeito, os *modos de registros de uma existência*¹ (LYSARDO-DIAS, 2012), enquanto espaço simbólico de legitimação da experiência, interferem e afetam os processos de subjetivação do sujeito mulher e permitem que a intimidade feminina rompa a barreira do privado e politize as experiências que o constituem. Compreendo, dessa maneira, que a escrita sobre si constituiu um instrumento importante de legitimação das práticas da mulher, bem como, no sentido deste trabalho, coloca a experiência como reveladora das produções sociais das *imagens de si no discurso*.

Desse modo, o objetivo deste trabalho é investigar a construção das imagens de si, correspondente à noção de *ethos* (AMOSSY, 2010), em sua articulação com a construção social do sujeito mulher, das adolescentes que escrevem para uma seção da revista *Capricho*, a saber: a seção *Tudo de Blog*. Voltando o olhar para a análise das imagens de si das escreventes, busco mostrar como, por meio do gesto de falar de si, de contar suas experiências, as adolescentes se valem de *um efeito intimista* da enunciação na elaboração da sua argumentação e na construção de sua imagem. Nesse gesto de análise, procuro compreender de que modo são constituídos os discursos em torno do feminino, tendo em vista as discussões acerca das relações de gênero enquanto elemento constitutivo das relações sócio-históricas.

¹ Nessa perspectiva, considero os diários íntimos, os *blogs* pessoais e o *Tudo de Blog*, em suas peculiaridades, como modos de registrar uma existência, visto que “correspondem a uma forma de escrita de uma vida”, pois “trajetórias individuais são reveladas em termos de cotidianidade de uma existência” (LYSARDO-DIAS, 2010, p. 5). As considerações de Lysardo-Dias (2010, 2012) se debruçam sobre o estudo de relatos biográficos, mas é possível, por extensão, refletir sobre as suas problemáticas, considerando as especificidades evocadas por esses espaços de escrita, visto que, em relação à autobiografia, ambos os modos de registro se caracterizam pela escrita de si quer seja pela exposição pública ou não.

1 Entre diários e blogs: o *Tudo de Blog*

O diário íntimo, enquanto revelador da experiência de vida, foi o maior instrumento da “escrita de si” das mulheres, sobretudo no século XIX. A prática de escrita em diários caracterizou um espaço para a expressão no qual a predileção do privado atribuiu ao mesmo um caráter intimista². A privacidade do diário condicionou o segredo ao tipo de escrita característico desse gênero. A imagem de um diário trancado, guardado na gaveta, faz parte da memória, principalmente de mulheres adolescentes.

O contrato de cumplicidade que se estabelece entre o sujeito e o diário permitiu que o revelar da intimidade na escrita íntima ganhasse o público adolescente na expectativa de ter seus segredos guardados. A possibilidade de escrever sobre os segredos fez com que a escrita do diário se tornasse uma prática corriqueira entre as adolescentes, caracterizada como um modo de confidenciar os desejos e segredos, um espaço da livre expressão da emoção.

Esse espaço privado de escrita do segredo é tensionado com o surgimento dos *blogs* e o desuso do diário enquanto prática de escrita de si. O caráter íntimo e confidencial dos diários escritos é tornado público na escrita sobre si nos *blogs* pessoais. Nestes, o caráter confessional “é parte integrante do modo de enunciação caracterizado pelo jogo entre a publicização de si (a exposição dos sentimentos pessoais por meio de um canal de difusão ampla) e a intimidade construída (colocada em evidência por meio dessa técnica)” (KOMESU, 2005, p. 56). Nesse sentido, a intimidade revelada nos *blogs* está condicionada a uma publicização do eu, que, no que tange a esse trabalho, coloca em cena a experiência da mulher adolescente por meio do modo pelo qual o enunciador constrói uma imagem de si.

Compreender as especificidades dos diários íntimos e dos *blogs*, ainda que de modo breve³, foi necessário devido às aproximações do gênero com a seção em estudo: o *Tudo de Blog*, conhecido entre as adolescentes como *TDB*. Lançado em 2006 e publicado até 2010, o *Tudo de blog* é uma seção da revista

² Ao abordar o diário de registro pessoal, Oliveira (2002) atribui o seu caráter privado às modificações científicas e sociais que favorecem as reflexões sobre si, influenciadas, sobretudo, pelo desenvolvimento dos estudos psicanalíticos. Para a autora, “a partir desse momento, diários tornaram-se o local onde o hábito de inquirir e refletir sobre si mesmo terminava se realizando” (OLIVEIRA, 2002, p. 48). O caráter privado dos diários permitiu a possibilidade de se escrever sobre todos os aspectos da vida pessoal, caracterizando sua escrita como íntima.

³ Estudos mais específicos sobre o funcionamento dos diários íntimos e *blogs* podem ser encontrados em Schittine (2004), Marcuschi (2004), Komesu (2005) e Heine (2007). Sobre as especificidades do *blog* da *Capricho*, é possível consultar a pesquisa de mestrado de Magnabosco (2011).

Capricho que tem como proposta publicar os comentários das adolescentes que mantêm um *blog* – *blogueiras* – sobre uma pauta sugerida pela revista.

Os *blogs* das adolescentes que se inscrevem para participar da seleção, ao serem selecionados, ficam arquivados no banco de dados da revista e podem ser acessados através do site da *Capricho*, que, a cada edição, ao lançar um tema diferente para ser discutido, escolhe e publica em torno de três dos textos escritos pelas *blogueiras* que tiveram seus *blogs* selecionados. Antes dos textos das *blogueiras* serem publicados na revista, eles são postados nos *blogs* pessoais das adolescentes. Ao serem escolhidas, as adolescentes passam a fazer parte do que a revista chamou de “time de colaboradoras”, que, mais tarde, tornam-se as “tudodebloguetes”.

A publicação anterior dos textos nos *blogs* das adolescentes permite que o tom pessoal/íntimo seja mantido no texto publicado na seção. O tom de personalidade da seção e a possibilidade de dizer o que pensam sinalizam a permanência das características na transmutação dos *posts* dos *blogs* pessoais para as páginas da revista. É a escrita do segredo que faz com que os comentários sobre os temas abordados pela revista sejam constituídos de uma personalidade e de um caráter íntimo. Neste momento, gostaria de apresentar a seção a título de exemplificação genérica desse funcionamento íntimo.

Figura 1 – Tudo de Blog



Fonte: *Capricho*, 2006, ed. 1031.1

O uso da primeira pessoa como predominante na seção aponta esse *dizer sobre si* como modo de revelar uma intimidade e uma experiência. Considero esse caráter íntimo associado à experiência de vida, visto que a intimidade pode ser lida como “um terreno de visão e uma expectativa de relações humanas. É a localização da experiência humana, de tal modo que aquilo que está próximo às circunstâncias imediatas da vida se torna dominante” (SENNETTE, 1998 [1974], p. 412). Nesse sentido, ao comentarem os temas da seção, as adolescentes revelam situações da sua intimidade, revelam a sua experiência. A recorrência da experiência é reveladora de uma estratégia que permite a legitimação dos dizeres sobre os temas abordados, na qual o “eu vivi, então, posso falar” e, mesmo, “eu sei, então, posso falar” são recorrentes.

A transmutação dos comentários para a página da revista pode ser reveladora também do espaço de confiança que caracteriza a seção. Se, nos diários e *blogs*, o caráter da confiança é regulador das possibilidades dos dizeres, no *Tudo de Blog*, o espaço da confiança permanece como uma característica reguladora do que pode e deve ser dito. O espaço da confiança é tomado, então, como “o lugar privilegiado da fala de si”, no qual “há um exercício voluntário e recíproco de fala entre dois interlocutores” em presença física ou não (SOUZA, 1997, p. 37).

A inscrição do caráter íntimo na seção, decorrente, num primeiro plano, como já apontado, da transmutação dos *posts* dos *blogs*, indicia novos modos de revelar a intimidade feminina adolescente, por meio da mediação das *narrativas do eu, modo de organização do discurso* que domina a *encenação discursiva* da seção. Compreendo, na perspectiva de Charaudeau (2008, p. 74), como *modos de organização de discurso* “os procedimentos que consistem em utilizar determinadas categorias de língua para ordená-las em função das finalidades discursivas do ato de comunicação”.

Outro ponto de reflexão sobre a seção é a construção do comentário. Para Charaudeau (2006, p. 175), “comentar o mundo constitui uma atividade discursiva, que consiste em exercer suas faculdades de raciocínio para analisar o porquê e o como dos seres que se acham no mundo e dos fatos que aí se produzem”. O comentário argumentado impõe uma visão do mundo de ordem *explicativa*. Dessa forma, as adolescentes, ao comentarem sobre o tema da revista, mostram, como pode ser observado, nas pistas deixadas na materialidade discursiva, suas visões de mundo e, com isso, os seus pontos de

vista, que, por sua vez, estão ligados às suas experiências no âmbito do privado. A construção do comentário sobre os temas das revistas é, então, uma formulação da opinião sobre os assuntos, que, por sua vez, é construída na publicização do eu.

2 O efeito intimista no modo de organização narrativo e o caráter argumentativo do TDB

O caráter intimista do TDB é apontado na tentativa de compreender como a escrita sobre si, associada à questão da experiência feminina, revela elementos importantes na construção do *ethos*. Esse gesto foi importante para entender que, embora as escreventes utilizem uma escrita de si e, com isso, se valham, principalmente, do modo de organização narrativo para emitirem suas posições sobre o tema, a intimidade seria um efeito discursivo que escamoteia a *visée* persuasiva do texto. O discurso intimista apresenta-se, então, como um efeito de sentido. Ou seja, a apresentação da opinião no TDB apresenta-se como um *efeito intimista* que permite que as adolescentes compartilhem seus pontos de vista sobre este ou aquele assunto na tentativa de persuadir os leitores sobre a sua posição frente à defesa de uma ideia.

Falar sobre sua vida, seu dia a dia, seus gostos, narrar sua experiência ao escrever sobre um tema na seção são estratégias que permitem que as escreventes, valendo-se da apresentação de suas experiências de vida, conduzam os leitores a compartilhar do ponto de vista que elas defendem no seu *quadro-dizer*⁴ na seção. Há, então, uma construção própria do modo de organização narrativo que cria esse efeito intimista com o objetivo de persuadir, levando os leitores a aceitar a posição das escreventes diante do tema.

Esse posicionamento traz à tona o caráter argumentativo de todo funcionamento discursivo. A diferenciação proposta por Amossy (2010) entre uma *visée* argumentativa e uma dimensão argumentativa se faz necessária nessa abordagem, visto que ela é produtiva para pensar o modo como a seção institui uma *visée* persuasiva. Para a autora, ainda que o ato de tomar a palavra nem sempre se destine a “conduzir um público a aprovar uma tese”, todo ato

⁴ É o quadro em que apresento os textos escritos pelas adolescentes e publicados na seção da revista. Foi necessária a elaboração desses quadros diante da impossibilidade de usar a própria seção, visto que as mesmas apresentam as fotos das escreventes e a sua circulação está protegida por direitos autorais.

que não tenha “a intenção de convencer, acaba por exercer alguma influência, orientando as maneiras de ver e pensar” (AMOSSY, 2007, p. 123). Nessa incursão, é preciso compreender, nas palavras de Lima (2006, p. 109), que “a simples transmissão de um ponto de vista sobre as coisas, que não pretende mudar a opinião de alguém [*dimensão argumentativa*], não pode ser confundida com a empresa da persuasão, que revela uma intenção consciente e usa estratégias para alcançar seus objetivos [*visée argumentativa*]” (grifos meus).

No que tange ao *TDB*, as adolescentes, ao defenderem seu ponto de vista sobre o tema da seção, utilizam-se de estratégias para provar a validade do seu posicionamento. Vale ressaltar, entretanto, que, embora a seção não apresente um objetivo explícito de persuasão, sobretudo por se valer estrategicamente do modo de organização narrativo, defendo a possibilidade de pensá-la numa *visée persuasiva*, expressando também o desejo de levar o outro a aceitar a opinião e compartilhar dos pontos de vistas apresentados pelas escreventes. Considero, então, que os textos apresentados no *TDB* se valem da narração, a fim de criar um efeito intimista, porém eles não se restringem a textos intimistas; trata-se de textos que expressam um determinado posicionamento das escreventes, visando compartilhar determinado ponto de vista. É com base nessa assertiva que há, nos textos que compõem a seção, uma *visée persuasiva*, ainda que não seja explícita.

Esse posicionamento leva-me a compreender o grau de argumentatividade dos discursos. Nas palavras de Plantin (2008, p. 24), “deve-se caracterizar os discursos não como sendo ou não argumentativos, mas como o sendo mais ou menos”. Dessa maneira, não se podem opor tipos narrativos, descritivos e argumentativos pela simples razão de que, “num texto argumentativo, podem ser encontrados uma narração, uma descrição ou um retrato argumentativamente orientado no sentido de um ponto de vista, em oposição a outro ponto de vista”, afirma o autor (2008, p. 24). Tendo isso em vista, considero a possibilidade da construção de um discurso argumentativo sobre uma narrativa de si, visto que o que está em jogo no contrato é a experiência de vida adolescente. A intimidade revelada no *TDB*, enquanto efeito de discurso, se torna uma estratégia argumentativa eficaz na construção das imagens das *tudodebloguetes*.

3 Tudodebloguetes (en)cena: o imaginário de beleza na construção das imagens de si com *Capricho*

A *Capricho*, voltada ao público feminino adolescente, funciona como um manual de comportamento no qual não se poderia deixar de abordar o tema da beleza. A construção do corpo feminino adolescente estampa a capa e as páginas da revista, incluindo as diversas dimensões e características que constituem a normatização do corpo da mulher na adolescência.

Refiro-me com essa afirmação às inúmeras seções da revista que tratam de alimentação, saúde, moda, maquiagem, cabelo, estética, atividade física, as dicas de produto de beleza, as dicas de beleza das celebridades, bem como as matérias sobre plástica, os tipos de meninas que “fazem a cabeça dos meninos”, passando ainda pela construção de uma personalidade que possa “modelar” também a beleza interior feminina. Ao folhear a revista, é possível observar que as seções sobre o tema funcionam por um gesto parafrástico por meio do qual se constrói uma homogeneidade de sentidos, uma não dispersão, impossibilitando outros sentidos de beleza.

Wolf (1992) aponta como a imagem doméstica que circundou a imagem da mulher tem perdido o lugar para a imagem da beleza. Nas palavras da autora (1992, p. 12), “à medida que as mulheres se liberaram da mística feminina da domesticidade, o mito da beleza invadiu esse terreno perdido, expandindo-se enquanto a mística definhava, para assumir sua tarefa de controle social”. A afirmação da autora permite entender o modo como a imagem da beleza atribuída às mulheres constrói um ideal de beleza inesgotável, interpelando-as fortemente.

O ser belo depende das demandas sócio-históricas de uma época e de um grupo social. Ser belo, aos moldes de uma sociedade, viabiliza a aceitação social dos sujeitos. A estética do belo tangencia os moldes da construção de um imaginário de feiura, já que esta exclui socialmente os sujeitos. Na tentativa de compreender qual a estética do belo que tangencia o imaginário da feiura na concepção adolescente da *Capricho* e influencia a construção de uma imagem de si, recortei para análise dois quadros-dizer.

Quadro-dizer 1: texto da seção *Tudo de Blog*

Tudo de Blog	
Patinha Feia. Elas já se sentiram mal na própria pele.	
Aquele desespero	Feiura também é interior
<p>Não existe um dia em que me senti mais <u>feia</u> na vida. São vários! Dias <u>horríveis</u> em que nada presta, nem a vida, nem o espelho. Meu cabelo está <u>horrível</u>, a pele um <u>desastre</u>, a barriga pendurada na altura da canela (e o piercing do umbigo se perde em meio a tanta gordura). <u>Questões filosóficas surgem: por que não tenho barriga de modelo? Por que meus braços não são firmes? Por que as coxas têm 75 cm de diâmetro?</u> No ápice do desespero, penso em academia. Mas logo desisto. Demoraria demais para ficar com <u>corpo capa-da-boa-forma</u>. O jeito é me aceitar como sou e esperar que alguém goste de mim assim. Nesses dias, não quero sair em público. O mundo é bonito e eu não. Ninguém vai me querer e eu vou ter de morar com meus pais até os 48 anos. Um casamento com o primeiro que aparecer. Não, a vida não é justa comigo nesses dias.</p>	<p>Confesso que já reclamei por ter sardas, por não ser loira, por não ser exatamente bonita. Já fui em salão pensando que queria resolver minha vida. <u>Às vezes, a maior feiura que a gente sente não é física.</u> O dia em que me senti mais feia não foi quando tive a primeira espinha ou caí de bicicleta e ganhei um corte no queixo. Senti-me feia quando fiz uma pessoa chorar. Brigamos, falamos coisas ruins e me senti um lixo completo. Feia por dentro. Mas passou. Estamos bem. Aprendi a usar maquiagem sentimental para disfarçar imperfeições da alma.</p>
Nome: Ana Luiza Ribeiro Idade: 18 anos	Nome: Chaiane Bublitz Idade: 16 anos

Fonte: revista *Capricho* edição 1027.

Os modos de dizer, ou melhor, de falar sobre si, são indícios importantes na construção de uma imagem de si. Nesse gesto de escrita, os sujeitos se valem de estereótipos que circulam em nossa sociedade, pautados em determinados imaginários. Nesse sentido, “o orador adapta sua apresentação de si aos esquemas coletivos que ele crê interiorizados e valorizados por seu público” (AMOSSY, 2005, p. 126).

Com base nessa afirmação, a enunciadora 1 se vale de representações positivas da beleza inatingível para construir uma imagem de si associada a uma adolescente que não pode ser feia, mas possui seus dias de sentir-se feia. Sobre esse *quadro-dizer*, vale chamar atenção para o uso das adjetivações no projeto argumentativo da adolescente. Na perspectiva argumentativa, conforme apresenta Amossy (2010), as escolhas dos itens lexicais sustentam os efeitos de sentido produzidos na construção de uma imagem de si.

Desse modo, a seleção dos índices de avaliação negativos sublinhados no *quadro-dizer* da enunciadora 1 é um recurso que tem como finalidade exaltar as qualidades e características negativas que estão associadas à construção da feiura, o que pode ser caracterizado como um dispositivo que busca persuadir os leitores de que ser feio não é bom, que é preciso preocupar-se com a beleza para que não se tenha dias horríveis, cabelo horrível, pele um desastre e a “barriga pendurada na altura da canela”, conforme apontou a escrevente.

Chamo atenção ainda para a significação do item lexical “barriga”. O uso da hipérbole é um elemento expressivo que desenrola um fio argumentativo, conforme apontou Pinheiro (2013). Dessa maneira, o exagero, caracterizado pela construção da frase hiperbólica, revela o excesso da preocupação com a gordura do corpo. O uso da hipérbole apresenta, portanto, não uma “finalidade de enganar, mas de levar à própria verdade, e de fixar, pelo que é dito de inacreditável, aquilo que é preciso realmente crer” (CHARAUDEAU e MAINGUENEAU, 2008, p. 262). Desse modo, é preciso crer que para ser bonito é necessário ser magro. Conforme afirma Wolf (1992), a gordura da mulher é alvo de paixão pública, e as mulheres sentem culpa com relação à gordura “porque reconhecemos implicitamente que, sob o domínio do mito, nossos corpos não pertencem a nós, mas à sociedade”.

Ainda sobre a construção argumentativa, vale ressaltar o uso de perguntas. Compartilhar essas perguntas com o interlocutor, sem o objetivo de uma resposta imediata, aproxima a escrevente dos leitores. Para Plantin (2008), argumentar é dialogar com um interlocutor. A pergunta, introduzida por um pronome interrogativo, funciona como uma “questão tópica” da emoção. Essas questões, conforme Lima (2006, p. 170), se caracterizam “por realçarem os traços argumentativos do enunciado, isto é, por permitirem realçar os elementos que orientam em direção a uma possível patemização”, sem, no entanto, objetivar uma resposta. São, nesse sentido, perguntas retóricas, visto que elas não questionam os leitores, mas os provocam, visto que levantam questionamentos sobre o padrão de beleza exigido pela sociedade.

A compreensão da boa forma como a necessidade inatingível do corpo pode ser apreendida no processo de composição, pela formação da palavra justaposta *capa-da-boa-forma*, que funciona como qualificativo para o substantivo *corpo*. O enunciado *corpo capa-da-boa-forma* revela a heterogeneidade mostrada nos índices textuais, visto que faz referência direta

a uma revista do segmento corpo e saúde, chamada *Boa Forma*. Essa construção recupera no interdiscurso a perfeição dos corpos femininos estampados nas capas dessa revista. Esses corpos, conforme apresenta a enunciação da adolescente, são objetos de desejo que jamais serão alcançados.

Ao falar sobre si, a enunciadora revela o modo como a estética da beleza valida uma imagem positiva na qual a mulher que cuida do cabelo, da pele e do corpo, possuindo uma barriga sem gorduras, é uma mulher bonita. Ao contrário, uma mulher que não se preocupa ou não atinge esse estatuto está fadada à feiura. Desse modo, a normatização do corpo feminino, aos moldes do padrão vigente, constitui uma forma de coerção social, como apontou Wolf (1992), já que a adequação ao padrão, à perfeição é inatingível.

A construção estética do feio, em contraposição ao belo, recuperada no dizer da escrevente, gesta os modos de sociabilidade adolescente, marcando a maneira como a construção da feiura nela se inscreve. A enunciadora constrói, então, a imagem negativa da feiura associada ao mal-estar do corpo e da mente, impedindo, assim, a sua sociabilidade. Pode-se observar, então, que é possível recuperar, no imaginário da adolescência, a ideia de que aquela que não cuida do corpo, da pele e do cabelo não teria possibilidade de se inserir na sociedade, no bem-estar público. Logo, não poderia arranjar um namorado e casar.

Nessa enunciação, a sociabilidade, o vínculo social da enunciadora se liga aos seus dias de beleza, visto que, nos dias em que a adolescente se sente feia, não sai de casa. A questão da sociabilidade pela beleza, construída no dizer da escrevente, revela a busca pela perfeição do corpo atrelado ao olhar do homem. É interessante observar que a adolescente, ao falar de uma possível aceitação do seu corpo, na passagem “o jeito é me aceitar como sou e esperar que alguém goste de mim assim”, associa a aceitação do seu corpo ao afeto masculino.

Ao assumir que “ninguém vai me querer e eu vou ter de morar com meus pais até os 48 anos”, a enunciadora recupera a imagem doméstica da mulher e a negação de uma possível independência feminina pelo trabalho. A imagem da mulher ligada ao parceiro como fonte de sua independência dos pais remete a um construto histórico no qual a figura do pai exerce o poder sobre a mulher e este só é substituído pela figura do marido. Reforça-se, então, uma ordem simbólica patriarcal. Nesse sentido, por ser feia, a mulher tem de aceitar o casamento como sua possível liberdade e sem a possibilidade de escolha do parceiro.

Essas representações da feiura regulam e agenciam a construção discursiva do corpo, mas também passam pelo processo de construção da

moral. O ordenamento das práticas corporais, associadas à saúde e beleza, aponta o sujeito como o principal responsável pelo seu sucesso. Assim, as mulheres que não se encaixam nesses padrões estão fadadas ao fracasso.

Nesse sentido, no *quadro-dizer* da enunciativa II, a adolescente constrói uma imagem de si associada à imagem negativa da feiura moral, recuperando, portanto, a representação da feiura ligada à construção da beleza interior, à sentimentalização humana. Esse gesto reforça a ligação da importância da presença do *pathos* na análise das imagens de si. Dessa maneira, a construção da imagem de si da enunciativa é associada ao sentimento perverso de fazer o outro chorar e, ao mesmo tempo, à culpa e ao arrependimento.

A imagem de si como uma pessoa feia não passa pela construção corpórea, mas sim pela regulação dos estereótipos de valores morais. Assim, a estética do feio é fazer mal ao outro, fazendo-o chorar, como apresenta a construção da escrevente. Recupera-se, então, a tendência em associar uma qualidade positiva às pessoas e às coisas belas, na medida em que se relega uma qualidade negativa depreciativa à estética considerada feia. Não é possível, então, sentir-se bonita, sentir-se bem, ao fazer alguém chorar. O feio é, portanto, um mal-estar causado por uma ação negativa.

Os sentidos de beleza e feiura, enquanto atributos físicos, são comumente metaforizados como atributos psicológicos. A avaliação valorativa do feio está associada não apenas a uma depreciação estética, mas a uma depreciação de uma característica psicológica. Decorre disso o uso, na oração sublinhada no segundo *quadro*, do verbo afetivo *sentir*, expressão de um sentimento ou ter a sensação de, que é significado como um verbo de estado psicológico.

Plantin (2010) aborda o modo como os itens lexicais, e também a organização dos enunciados, podem apresentar uma *visée* ou uma dimensão patêmica. Entre esses itens, a seleção lexical de um verbo pode constituir o campo da afetividade, designando, de forma direta ou indireta, uma emoção. Para o autor, por meio de uma designação indireta, é possível atribuir afetividade ao enunciado, reconstruindo-o sobre a base de lugares comuns situacionais e atitudinais. Desse modo, sentir-se feia expressa, nessa enunciação, um sentimento de tristeza baseado na culpa e no arrependimento por uma ação ruim.

São muitos os dispositivos que a estética da beleza institui para que o sujeito atinja a beleza do corpo e, logo, a sensação de bem-estar físico e mental. O *discurso da alimentação* saudável é um desses dispositivos que

engendram, na agenda da beleza feminina, um novo tópico de preocupação. Pautados no padrão de beleza atual, no qual, como apontei anteriormente, o corpo esbelto e esguio, logo sem gorduras, é o objeto de desejo das mulheres, os dizeres sobre a alimentação saudável vêm ganhando mais espaço na mídia e nas redes sociais. A associação da alimentação com a busca pela beleza é atravessada pelo discurso da saúde. Comer bem, de forma saudável e, assim, mostrar um corpo magro e belo é apresentar-se de modo saudável.

No *TDB*, o discurso sobre alimentação é apresentado como a relação que as adolescentes estabelecem com a comida e, em consequência, atribui à vida saudável o modo individual que o sujeito lida com a prática alimentar. Para o empreendimento, retomo duas enunciações da seção *Boas de garfos*.

Quadro-dizer 2: texto da seção *Tudo de Blog*

TUDO DE BLOG		Edição: Nathália Duprat	
BOAS DE GARFO.			
Para nossas blogueiras, escolher o que comer tem a ver também com o jeito de ver a vida.			
Comer (não) é o melhor para poder crescer. Sou dramática quando o assunto é comida. <u>De comedora compulsiva, a seguidoras de dietas obsessivas, de frequentadora de nutricionista a figurinha repetida na churrascaria, de viciada em Big Mac a regime semi-vegetariano, faltava-me auto-controle. Comia por ansiedade, quase nunca por fome.</u> Não conseguia balancear as coisas e morria de inveja de quem o fazia sem esforço. Sempre quis aprender a lidar com a comida do jeito saudável que todo mundo parece lidar (até hoje não sei como tem gente que pensa duas vezes antes de recusar um pote de musse de chocolate). <u>Sabia que comer besteira é muito bom, mas faz mal.</u> Hoje como um brigadeiro aqui, um folheado ali, mas com moderação, ainda não é fácil resistir à gula, mas já decidi que quero pra minha alimentação o que ando procurando para as outras áreas da minha vida: <u>equilíbrio.</u>		A carne é fraca Há um ano, decidi ser vegetariana. Como sabia que não aguentaria a dieta <u>vegano (apenas com alimentos de origem vegetal)</u> , liguei-me aos <u>ovolactovegetarianos, que é a galera que consome apenas ovo, laticínios e vegetais.</u> Quis mudar porque, além de esse grupo ter a vida mais longa com mais qualidade, existem vários <u>idealismos no meio (o termo vegetariano vem da expressão vegetus, que significa forte, saudável).</u> Consultei meus pais, que se mostraram de acordo com a ideia. Depois, nada de regimes malucos. Fui a uma nutricionista especializada, que me orientou. Minha motivação <u>é saber que, cada vez que deixo de comer carne, preservo recursos naturais que seriam utilizados para produzi-la (a economia de água chega a 90%, por exemplo).</u> Além disso, <u>uma dieta vegetariana correta equilibra níveis de colesterol e evita certos tipos de doença.</u> Posso dizer com todo orgulho que sou 100% o que como e que, sim, a carne é fraca.	
Nome: Ludmila Bello Idade:15 anos		Nome: Samia Pereira Idade: 16 anos	

Fonte: revista *Capricho*, edição 1074.

O título do primeiro quadro, “Comer (não) é o melhor para poder crescer” remete à música “Comer, comer”, gravada pelo grupo infantil Balão Mágico e por artistas como Xuxa, Eliana, Angélica (todos do universo infantil). Essa música foi e é comumente utilizada para o estímulo da criança no momento da alimentação. Essa referência trazida pela enunciativa para iniciar a sua fala constitui, segundo Maingueneau (2008), a heterogeneidade mostrada no discurso, visto que permite recuperar explicitamente, por meio do interdiscurso, a presença do outro, de outras vozes no discurso. No entanto, a enunciativa, ao utilizar o parêntese e inserir a negação no título marca a possibilidade de uma voz contrária. O uso dos parênteses seguido da refutação se configura como uma estratégia que mobiliza efeitos de sentidos contrários ao resgate das representações que a música evoca, e também marca explicitamente “o ponto de vista interno, subjetivo” (CHARAUDEAU, 2008, p. 199) do enunciador.

Tomar a palavra e se mostrar dessa ou daquela maneira empreende, como apresenta Maingueneau (2008), a construção das imagens de si no discurso. Desse modo, ao enunciar “sou dramática” e “faltava-me autocontrole”, a enunciativa se diz ser dessa e não de outra maneira. Constitui-se, nesses enunciados, o *ethos dito*. Sobre a seleção lexical, vale pontuar ainda, seguindo as trilhas de Plantin (2010), que enunciados como “sou dramática”, “comedora compulsiva”, “seguidora de dietas obsessivas” e “morri de inveja” remetem à produção de efeitos de emoção no discurso que, mesmo que não tenham a intenção de persuadir pela mobilização da emoção, orientam o discurso a provocar e/ou conotar efeitos afetivos.

Dessa maneira, a escrevente assume já ter sido dramática e desequilibrada com a alimentação. O modo como a enunciativa constrói a sua fala e se mostra no discurso permite analisar a construção de uma dupla imagem de si: uma imagem anterior ao momento de enunciação, que, nesse empreendimento, não deve ser confundido com o *ethos prévio*, e uma imagem do momento da enunciação. Assumo dizer que é uma dupla imagem que a enunciativa constrói de si, devido à presença dos tempos verbais: passado e presente. A imagem construída pela enunciativa, ao dizer os modos como ela lidava com os hábitos alimentares, mostra uma adolescente instável, ansiosa, dramática e que, mesmo mostrando certa preocupação com a alimentação, não sabia lidar com ela. Essas imagens recuperam no interdiscurso o comportamento adolescente diante das práticas alimentares,

influenciando uma avaliação negativa do descontrole alimentar. Dessa maneira, “comer não é o melhor para poder crescer”.

As imagens de instável, ansiosa e descontrolada, que circulam no imaginário adolescente como qualidades negativas, são contrárias à imagem que a adolescente constrói de si no tempo presente da enunciação, o qual é introduzido na materialidade linguística tanto por meio do uso do tempo verbal presente quanto pelo advérbio de tempo “hoje”. Ao dizer: “Sabia que comer besteira é muito bom, mas faz mal. Tão mal que decidi reinventar meus hábitos. Hoje como um brigadeiro aqui, um folheado ali, mas com moderação. Ainda não é fácil resistir à gula, mas já decidi o que quero para a minha alimentação, o mesmo que quero para a minha vida: equilíbrio”, a enunciativa refuta a imagem anterior, avaliada negativamente, e constrói uma imagem positiva de si: a imagem de uma mulher equilibrada. Essa imagem mostra a preocupação com a prática alimentar, o controle de si, a moderação, avaliados como comportamentos positivos para as mulheres, influenciando a avaliação positiva da prática de uma alimentação saudável.

Essa oposição das ações é, como aponta Charaudeau (2008), uma *situação no tempo* que converge em ações situadas no passado e ações situadas no presente que produzem efeito de narrativa. A enunciativa se vale desse procedimento para reconstituir suas ações do passado, negando-as, e, assim, construir uma imagem positiva de si por meio das ações positivas nas práticas alimentares. A enunciativa, então, se vale de estereótipos tidos como positivos para refutar a imagem negativa de si. Compreende-se, nessa enunciação, que uma prática de alimentação saudável vai além da mesa; é um estilo de vida que deve ser incorporado pelas adolescentes que buscam o equilíbrio na vida. Nesse sentido, as mulheres equilibradas são aquelas que se preocupam com a alimentação, com a saúde e, por consequência, com o corpo. Essas mulheres são tidas como objeto de admiração, respeito e estima.

O *quadro-dizer* da enunciativa 2, diferente do anterior, evidencia, na configuração da encenação narrativa, a intervenção do autor-indivíduo (CHARAUDEAU, 2008), aparentemente pautado na objetividade, apresentando explicações baseadas em um efeito de cientificidade, ainda que não se explicitem as fontes do conhecimento. A recorrência da construção de estruturas explicativas vislumbra certa imagem da adolescente como conhecedora das escolhas que fez para a alimentação. A enunciação constrói, por meio dos índices, das estratégias e do tom do texto, um *ethos* de

inteligente e de consciente, por meio do qual a enunciativa mostra que a sua escolha pela alimentação saudável é justificada por escolhas que contribuem, para além da saúde, para a natureza, logo, para a sociedade. Nesse caso, a inteligência pode ser percebida em função da maneira como a escrevente vai justificando suas escolhas pela explicação dos conceitos que envolvem a alimentação vegetariana. Pressupõe-se, então, que o leitor não partilha desses conhecimentos e, por isso, a necessidade de explicação.

Ainda que se apresente sob a égide de um texto narrativo, a argumentação nesse *quadro-dizer* está fundada no *topos*⁵ do conhecimento: quanto mais se conhecem os benefícios de uma alimentação saudável, melhores escolhas alimentares podem ser feitas. Ou ainda, aquelas que conhecem o bem de uma alimentação saudável sabem que é preciso fazer escolhas conscientes, entre as quais, ir ao nutricionista. A visada do texto, nas circunstâncias de sua enunciação, é clara: trata-se de legitimar a escolha inteligente por uma alimentação saudável para que se possa, além de proteger a natureza, ter mais saúde. Dessa maneira, a imagem de inteligente recupera, por meio do discurso da alimentação na *Capricho*, a associação da boa alimentação para uma vida saudável e não necessariamente para uma construção estética corporal conforme os padrões de beleza. Dessa maneira, as imagens de si recuperadas na enunciação adolescente que possuem como tema o cuidado de si revelam que a construção sócio-histórica dos sujeitos afeta a construção da sua imagem, permitindo que se recuperem apenas determinadas imagens em torno do feminino, silenciando outras.

Considerações finais

A análise da argumentação no discurso adolescente que empreendi neste trabalho pretendeu evidenciar os sentidos de mulher que recobrem a adolescência feminina por meio do que elas dizem sobre si na seção. Esse gesto permitiu-me compreender as práticas sociais que regulam os assuntos e o comportamento feminino, bem como alguns estereótipos de mulher que recobrem as imagens da adolescência. Essas escritas de si revelaram a experiência das mulheres adolescentes e, com isso, tornaram-se uma produtiva fonte de pesquisa para a compreensão das imagens em torno do feminino.

⁵ “Elementos que garantem encadeamentos discursivos” (ANSCOMBRE, 1995, p. 49-50 *apud* AMOSSY, 2007, p 124).

Na análise, busquei compreender como, por meio da enunciação, as enunciadoras deixam, na materialidade do texto, marcas, pistas que evidenciam a construção do *ethos*, em sua relação com o *logos* e *pathos*, noções fundamentais para a argumentação no discurso. Posso dizer, então, que a análise das imagens de si pôde revelar, além do caráter da emoção, o cuidado de si que perpassa a enunciação, expondo imagens comumente recuperáveis nos dizeres sobre a adolescência feminina. Pude perceber, assim, que, em cada enunciação específica, as imagens de si revelam uma preocupação com o corpo, recoberta pelo discurso da alimentação saudável. Com efeito, pude desvelar com este trabalho que as imagens de si das adolescentes estão apoiadas em uma herança sócio-histórica construída em relação à mulher.

Referências

AMOSSY, Ruth (Org.). **Imagens de si no discurso: a construção do *ethos***. Tradução de Dilson Ferreira da Cruz et al. São Paulo: Contexto, 2005.

_____. O lugar da argumentação na Análise do Discurso: abordagens e desafios contemporâneos. **Filologia e Língua Portuguesa**, São Paulo, n. 9, p. 121-146, 2007.

_____. **L'argumentation dans le discours**. 3.éd. Paris: Armand Colin, 2010.

CHARAUDEAU, Patrick. **Discurso das mídias**. Tradução de Angela M. S. Corrêa. São Paulo: Contexto, 2006.

_____. **Linguagem e discurso: modos de organização**. Coordenação da tradução de Angela M. S. Corrêa e Ida Lúcia Machado. São Paulo: Contexto, 2008.

_____; MAINGUENEAU, Dominique. **Dicionário de Análise do Discurso**. Coordenação da tradução de Fabiana Komesu. São Paulo: Contexto, 2004.

HEINE, Palmira. **O *ethos* e a intimidade regulada: especificidades da construção do *ethos* no processo de revelação da intimidade em blogs da Internet**. Dissertação (Mestrado em Lingüística). Universidade Federal da Bahia, 2007.

KOMESU, Fabiana Cristina. **Entre o público e o privado: jogo enunciativo na constituição do escrevente de *blogs* na internet**. Tese (Doutorado). Campinas, Instituto de Estudo da Linguagem da UNICAMP, 2005.

LIMA, Helcira Maria. **Na tessitura do processo penal: a argumentação no Tribunal do Júri**. Tese (Doutorado em Estudos Linguísticos). Belo Horizonte, UFMG, 2006.

SOUZA, Luana Ferreira de. O efeito intimista na escrita sobre si: uma análise do *ethos* adolescente no *Tudo de Blog*. **EID&A - Revista Eletrônica de Estudos Integrados em Discurso e Argumentação**, Ilhéus, n. 8, p.148-165, jun.2015.

LYSARDO-DIAS, Dylia. Um estudo discursivo de perfis biográficos. In: **Colóquio Internacional de Estudos Linguísticos e Literários - CIELLI**. Maringá: Editora da Universidade Estadual de Maringá - UEM, 2010. v. 1. p. 01-12. Disponível em: <<http://www.cielli.com.br/downloads/103.pdf>> Acesso em: jan 2013.

_____. Espaços dialógicos em relatos biográficos. In: **Actes du Colloque a miroir**, 2012, p. 83-90. Disponível em: <<http://gerflint.fr/Base/Monde10/lysardo-dias.pdf>>. Acesso em: 17 maio 2015.

NORA, Pierre. **Entre memória e História: a problemática dos lugares**. Projeto História, São Paulo, n. 10, dez. 1993.

MAGNABOSCO, Gislaíne Gracia. **A construção do texto opinativo no hipergênero blog: análise de comentários do Blog Papo de Amiga da revista Capricho**. Dissertação (Mestrado). Maringá, Centro de Ciências Humanas Letras e Artes da UEM, 2011.

MAINGUENEAU, Dominique. A propósito do *ethos*. In: MOTTA, Ana Raquel; SALGADO, Luciana (Org.). **Ethos discursivo**. São Paulo: Contexto, 2008. p.11-29.

MARCHUSCHI, Luiz Antônio; XAVIER, Antonio Carlos (Org.). **Hipertexto e gêneros digitais: novas formas de construção de sentido**. 2.ed. Rio de Janeiro: Lucerna, 2004.

OLIVEIRA, Rosa M. C. **Diários públicos, mundos privados: diário íntimo como gênero discursivo e suas transformações na contemporaneidade**. Dissertação (Mestrado). UFBA, 2002.

PLANTIN, Christian. A argumentação biface. In: LARA, Gláucia et al. **Análise do discurso hoje**. vol 2. Rio de Janeiro: Lucerna, 2008.

_____. As razões das emoções. In: MENDES, Emília; MACHADO, Ida Lúcia (Org.). **As emoções no discurso**. v.II. Campinas: Mercado de Letras, 2010.

PINHEIRO, Kelly. Hipérbole como argumento retórico. **Mediação**, Belo Horizonte, v. 15, n. 16, 2013, p. 150-167. Disponível em: <<http://www.fumec.br/revistas/mediacao/article/view/1374/pdf>>. Acesso em: 17 mai. 2015.

SCHITTINE, Denise. **Blog: comunicação e escrita íntima na internet**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2004.

SENNETT, Richard. **O declínio do homem público: as tiranias da intimidade**. São Paulo: Companhia das Letras, 1998.

SOUZA, Pedro. **Confidências da carne: o público e o privado na enunciação da sexualidade**. Campinas: Editora UNICAMP, 1997.

WOLF, Naomi. **O mito da beleza**. Rio de Janeiro: Rocco, 1992.